

O profissional do Turismo – formação superior e trabalho

The Tourism professional – higher education and work

Waldemar Marques*¹, Telma Darn*², Mariana Imamura*³

*Universidade de Sorocaba (UNISO), Sorocaba-SP, Brasil

**Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Sorocaba-SP, Brasil

Resumo

Este artigo analisa aspectos da formação superior do profissional do turismo e sua inserção no mercado de trabalho. Esta análise está baseada em dados obtidos mediante uma amostra de formados em um curso de uma universidade pública localizada no interior do Estado de São Paulo (Brasil); portanto, procura-se aqui traduzir um ponto de vista que é o de ex-alunos. Os resultados apontam aspectos significativos da situação profissional destes formados no que se referem à ocupação, renda; atividades que realizam no trabalho e sua consonância com a formação obtida; também apresentam e analisam a avaliação que os ex-alunos fazem quanto aos saberes proporcionados pelo curso e sua matriz disciplinar. Trazem indicações relevantes para os debates sobre a formação superior do profissional do Turismo no Brasil.

Palavras-chave: Formação superior, Profissional do turismo, Inserção profissional, Avaliação.

Abstract

This paper analyzes aspects of Higher education of Tourism Professional and their inclusion into the labor market. This analysis is based on data obtained through a sample of graduates in a course at a public university located in the countryside of the state of São Paulo (Brazil); therefore, we sought here to translate a point of view which is from alumni. The results show significant aspects of the professional situation of these graduates in relation to occupation, income; activities they perform at work and its compliance with the received training. The results present and analyze the evaluation that alumni perform about the knowledge provided by the course and its disciplinary matrix. Provide relevant information to the debates about higher education of Tourism Professional in Brazil.

Keywords: Higher education, Tourism professional, Professional inclusion, Evaluation.

Cada vez mais vem se tornando evidente aos professores e gestores da educação superior a necessidade de estudos que balizem as discussões sobre o papel da formação superior e os projetos de curso quanto aos seus objetivos e modelos pedagógicos. Uma das fontes mais relevantes que qualificam estes debates refere-se ao destino profissional dos concluintes e a avaliação que eles fazem sobre a formação recebida. São fontes que geram informações sobre outro mundo – de mudanças constantes - com o qual vai se defrontar o profissional para além do meio acadêmico. O presente estudo é um reflexo destas preocupações envolvendo a educação

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO), atuando na área de Educação Superior. E-mail: waldemar.marques@prof.uniso.br

2 Professora adjunta da UFSCar, campus Sorocaba. Coordenadora do Observatório de Turismo do estado de São Paulo - OTURESP. Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Marketing e Eventos. E-mail: professoratelma@uol.com.br/telmatur@ufscar.br

3 Graduação em Turismo pela UFSCar, campus de Sorocaba. E-mail: mariana_imamura@yahoo.com.br

superior, cujo foco é a formação de um profissional de presença recente no mercado de trabalho no Brasil: o profissional do Turismo. Os dados se restringem a apenas um curso; por isso não permitem generalização, nem é esta a intenção. Contudo, dadas as características gerais homogêneas derivadas das orientações do MEC (Ministério da Educação), os dados obtidos nesta pesquisa e as análises deles decorrentes sugerem que as implicações para o debate sobre a formação superior do profissional do Turismo podem ser mais amplas.

O paradigma da sociedade industrial cede progressivamente lugar a outro tipo de sociedade onde predominam (CEVOLI, 2000, p. 149) o controle e valorização da tecnologia, uma nova “tecnologia intelectual” nos processos decisórios e uma “classe de profissionais qualificados e técnicos”. Neste novo paradigma de sociedade, o “conhecimento teórico como fonte de inovações” assume um “caráter central” e “uma economia produtora de bens” é substituída por “uma economia de serviço”, onde o setor de serviços passa a ocupar lugar de proeminência na geração de riquezas e emprego. Estas são as dimensões das mudanças em direção à sociedade designada como pós-industrial.

Nesta sociedade, as atividades ligadas ao turismo assumem importância cada vez maior no conjunto das atividades econômicas no mundo todo. Segundo Trigo (1998, p.9), o “turismo deixou de ser apenas um complexo socioeconômico para se tornar uma das forças transformadoras do mundo pós-industrial”. Em que pese o fato deste processo de mudança profunda ser mais acentuado em determinadas regiões como a América do Norte e a Europa Ocidental, o Brasil apresenta os mesmos sinais que levam a dar proeminência ao setor de serviços, aí incluindo o Turismo.

Neste novo mundo, as profissões se redefinem: algumas desaparecem no turbilhão das mudanças tecnológicas e organizacionais, outras surgem no emergir de novos espaços de trabalho e novos papéis profissionais. O profissional do turismo é produto deste turbilhão. Neste contexto, Trigo (1998, p. 10) destaca a necessidade de “que as novas profissões sejam discutidas com rigor científico, abrangência metodológica, crítica à formação profissional e prospecção de suas possibilidades sociais, culturais e mercadológicas”.

O presente artigo se orienta por estas questões aqui colocadas. Os dados que servem de base para as discussões que se seguem dizem respeito a um estudo empírico realizado junto a formados no Curso de Turismo de uma Universidade Pública Federal localizada no Estado de São Paulo (IMAMURA, 2014). Conforme já indicado, a rapidez e profundidade com que ocorrem as mudanças sociais, abalando a outrora relativa estabilidade das ocupações no mundo do trabalho, pressionam hoje as instituições de formação superior a reverem os critérios e as bases em que se assentavam as decisões sobre os projetos de curso. Se a tradição acadêmica de formação de profissionais de nível superior e o sucesso alcançado em situações de relativa estabilidade das estruturas ocupacionais eram garantidas (SENNETT, 2006) o quadro atual de profundas e rápidas mudanças requer que outras informações, outros dados sejam levados em conta na (re)definição de projetos de curso. Estas informações são externas ao curso e dizem respeito ao profissional na realidade do mundo do trabalho, em permanente movimento. Daí a necessidade de estudos e análises como a apresentada neste artigo.

O primeiro destaque a ser feito refere-se à importância do Turismo na sociedade brasileira atual. Pode-se considerar o Turismo um componente importante no

cenário econômico do país, tendo sido este setor responsável em 2013 pela geração de 8,2% dos postos de trabalho, sendo que 9,2% do PIB brasileiro em 2013 resultaram das atividades turísticas, segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC, 2014). Perto de nove milhões de pessoas atuam em profissões direta ou indiretamente ligadas ao Turismo, o que corresponde a aproximadamente 10% da força de trabalho do país.

Este quadro macro de referência, ainda que sumário, fornece uma ideia clara das implicações para a formação de profissionais em quantidade e qualidade que o desenvolvimento do setor turístico em nosso país requer.

Uma primeira constatação a que os dados deste estudo nos levam é que estes profissionais formados em turismo constituem um grupo composto predominantemente por mulheres jovens na faixa etária próxima daquela tida como padrão na educação superior, cujos pais apresentam alta escolaridade e ocupação, o que permite enquadrá-los como de estratos médios.

Esta sucinta caracterização quanto à origem socioeconômica destes estudantes nos leva a indagar sobre os motivos que os levaram a optar pelo curso de Turismo dentre as muitas outras opções de cursos superiores. Leva-nos a indagar também sobre sua situação profissional depois de formados e, principalmente, o que pensam sobre a formação proporcionada pelo curso. A busca por respostas à primeira indagação pode fornecer informações importantes para avaliar potenciais demandas pelo curso de Turismo, despertando mesmo a necessidade de mais e melhores estudos. Respostas à segunda questão podem fornecer subsídios valiosos quanto à importância do curso para a vida pessoal e profissional do formado, identificar os “pontos fortes” e os “pontos fracos” do curso, sugerindo caminhos para sua reformulação ou aperfeiçoamento. Enfim, tais informações trazem o olhar da pessoa que deixou as salas de aula, o ambiente acadêmico e adentrou outro mundo: o do trabalho.

Quanto aos motivos que levaram os formados em Turismo a optar por este curso, é interessante constatar que aqueles motivos mais usuais que levam os jovens a fazer suas escolhas quanto à educação superior não estão presentes com destaque entre estes formados. Ou seja, não pesaram em sua escolha motivos como a busca de ascensão profissional, prestígio social, ou a importância que a atividade profissional representa para a sociedade. Nem mesmo a influência da família ou de amigos aparece com destaque; a maioria dos pais (60%) se mostrou indiferente à escolha dos filhos pelo curso de Turismo, ou mesmo a desaprovou. A escolha pelo curso de Turismo se deveu especialmente “por gostar do curso”, pela “facilidade no vestibular”, ou uma combinação destes dois motivos.

Estes dados podem trazer implicações para o desempenho acadêmico e no limite evasão do curso. Segundo Imamura (2014, p. 60), a facilidade no vestibular combinada com uma baixa aprovação pelos pais “pode ser encarada como um fator preocupante, pois pode implicar num menor interesse e dedicação do aluno ao longo do curso”, o que “pode resultar ainda em um alto índice de evasões”, fato observado nas turmas mais recentes do curso.

Quanto à situação de trabalho deste grupo de profissionais formados em Turismo, apenas 8% deles estão desempregados, devendo-se levar em conta a este respeito que são profissionais recentemente formados. As empresas e instituições onde trabalham indicam que estão dentro do setor do turismo, não se verificando a este respeito distorções quanto à formação e setor de atividade profissional. Tal

constatação, neste caso, não reitera a afirmação de Mota, Hoerner e Sicart (2007, 2003, apud PIMENTEL; PAULA, 2014, p. 55) de que “a maioria destes profissionais egressos de cursos superiores está desempregada ou trabalhando em outra área”.

Em relação aos cargos que ocupam, mais de 40% deles estão em posições de chefia/coordenação ou técnico, incluindo neste rol a atividade docente. Na mesma proporção, estão aqueles em cargos operacionais. Em suma, perto da metade dos formados ocupa posições com graus de complexidade que pressupõem pré-requisitos de formação científico-tecnológica; na outra ponta, quase metade dos formados ocupa posições que pouco exigem quanto à qualificação profissional. Ainda assim, cumpre destacar mais uma vez que se trata de profissionais em início de carreira.

Quanto à remuneração, em torno de 40% recebem de 2 a 4 salários mínimos e outro tanto recebem de 4 a 10 salários mínimos. Segundo Imamura,

A pouca idade dos egressos e o fato de a maior parte deles não estarem casados leva a crer que os salários/rendimentos obtidos por eles através do trabalho serve apenas como complemento à renda familiar, ou ainda é destinado exclusivamente à subsistência dele próprio, o que ao se configurar como renda per capita os classificaria como parte da “baixa classe alta” (IMAMURA, 2014, p. 54).

Ao serem indagados sobre as dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho, apenas 30% dos formados em turismo indicaram que não tiveram dificuldade alguma. A maioria afirmou que teve alguma dificuldade (54%) ou muita dificuldade (13%) para encontrar trabalho. Para os formados, estas dificuldades estão relacionadas a vários fatores. Algumas das dificuldades se referem a características do mercado de trabalho: “contratação por indicação”; “contratação para tarefas operacionais que não requerem formação na área”; “contratação apenas de *freelancers*”; existem vagas, mas “a remuneração oferecida não é compatível com o nível de escolaridade”; “oferta de vagas em órgãos públicos” restrita; “pouca possibilidade de crescimento dentro das empresas”; “área ainda pouco reconhecida e aceita no mercado”.

Estes motivos, em sua maioria, referem-se a uma dimensão do mercado de trabalho de formação recente, ainda em estruturação, que é o caso do Turismo, mas referem-se também a características do mercado de trabalho no Brasil em geral, onde muitas áreas de atividades do setor de serviços apresentam, ainda, baixo grau de profissionalização. Esta é uma combinação perversa considerando a já mencionada relevância do setor turístico para o desenvolvimento econômico e social do país, a requerer profissionais qualificados, de boa formação.

Outras dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho apontadas apresentam relação com o curso: exigência de idiomas; “falta de oportunidades para quem não possui experiência de trabalho na área”; “concorrência com pessoas sem formação na área, mas com experiência de mercado”; “falta de informações sobre determinados segmentos” do mercado de trabalho; “falta de treinamento para uso de sistemas”. Boa parte destas dificuldades sugerem a necessidade de reflexão, ou mesmo revisão, sobre determinadas atividades/disciplinas que se afiguram cada vez mais como cruciais na formação do profissional do turismo; atividades acadêmicas que estão na fronteira entre o curso e o mundo do trabalho: é o caso do estágio e do trabalho de conclusão de curso (TCC). Embora variáveis externas ao processo formativo, como aquelas referentes às características do mercado de trabalho na área do turismo não sejam passíveis de intervenção, ainda assim, parece razoável

afirmar que uma boa sistemática de estágio e a ênfase no TCC como uma escolha crucial no processo de formação do profissional em turismo, podem ter impactos positivos na qualidade desta formação.

Do confronto dos ex-alunos com o mercado de trabalho, resulta uma avaliação, por eles efetuada, da formação recebida, identificando na matriz curricular as disciplinas que mais contribuíram para a vida profissional e as disciplinas que não contribuíram para a vida profissional.

Dentre as disciplinas do curso que mais contribuíram foram citadas num primeiro plano, por mais da metade dos respondentes: Economia do Turismo, Geografia do Turismo e Marketing Turístico. Num segundo plano, foram citadas onze disciplinas: Organização e Gestão de Eventos, Realidade Turística Brasileira, Empreendedorismo, Estágio Supervisionado, Introdução à Administração em Turismo, Trabalho de Conclusão do Curso, Turismo e Bens Imateriais, Turismo Histórico Cultural, Hospitalidade e Turismo, Políticas Públicas em Turismo, Teoria Geral do Turismo. Outras disciplinas, no total de quatorze, aparecem citadas num terceiro plano de importância, como: Administração Contábil e Financeira, Psicologia Aplicada ao Turismo, Turismo e Educação, Planejamento Turístico, Roteiros Turísticos, Sociologia do Lazer e do Turismo, Ecoturismo, Elaboração e Viabilidade Econômica de Projetos Turísticos, Seminários Avançados em Turismo, Turismo e Percepção Ambiental, Gestão de Empresas Turísticas, Turismo e Patrimônio Natural, Agenciamento de Viagens e Turismo e Análise de Empreendimentos Turísticos. Outras disciplinas são indicadas em menor proporção.

No lado oposto, foram apontadas disciplinas que, na opinião dos formados, não trouxeram contribuição para a vida profissional. Dentre as mais citadas estão: Geotecnologias Aplicadas ao Turismo, Leitura e Produção de Textos para o Turismo, Planejamento do Turismo em Unidades de Conservação, Agenciamento de Viagens e Turismo, Estatística Aplicada ao Turismo, Antropologia Cultural e Turismo, Recreação e Entretenimento, Roteiros Turísticos e Avaliação de Impactos Ambientais. Convém destacar, contudo, que a proporção de respostas que indicam avaliação negativa de determinadas disciplinas é relativamente baixa, em torno de um terço, exceto em relação à disciplina Geotecnologias Aplicadas ao Turismo, onde a proporção dos que se manifestaram negativamente quanto à sua relevância se aproxima da metade dos respondentes.

Esta avaliação que os formados fazem sobre as disciplinas componentes da matriz curricular deve ser analisada com cautela. Como afirma com propriedade Imamura (2014, p. 60), “nenhuma disciplina deixou de ser avaliada nem positiva, nem negativamente o que demonstra que, ao ver dos [ex] alunos, não há disciplinas totalmente dispensáveis ou 100% relevantes”. Ainda assim, é inegável que podem subsidiar discussões qualificadas sobre a estrutura da matriz curricular do curso de Turismo.

Os formados forneceram, também, indicações sobre conhecimentos adquiridos no cotidiano da vida profissional, importantes para suas vidas, porém não contempladas no curso de Turismo. Dentre as dezoito indicações, quinze delas referem-se a conhecimentos práticos como: contabilidade mais detalhada, ferramentas avançadas de Excel, ferramentas de qualidade, gestão de pessoas, lidar com clientes, métodos e vendas, *networking*, noções de gestão, noções mais concretas de administração, operacionalizar viagens, processos de compras, utilização de sistemas de reservas e *softwares* específicos.

Quanto às contribuições do curso de Turismo para a vida pessoal em acréscimo à dimensão profissional, foram apresentadas aos formados vinte e duas questões para que se posicionassem sobre elas. Do total destas questões, em dezessete delas os formados indicaram um posicionamento favorável quanto às consequências do curso de Turismo para suas vidas. Destacaram num primeiro plano que o curso: “favoreceu meu desenvolvimento pessoal e profissional” e “ampliou minha cultura geral”. Num segundo plano, mas ainda assim numa proporção elevada, os formados afirmaram que o curso “estimulou em mim o desenvolvimento de uma cultura científica mais ampla”; “desenvolveu minha capacidade de análise e síntese”; “desenvolveu em mim uma visão crítica sobre a sociedade”, a “capacidade de adaptação a novas situações”; e “ampliou minha capacidade de aprender”. Num terceiro plano de importância, a contribuição do curso destaca os seguintes aspectos: “estimulou em mim o prazer de aprender e a busca de novas aprendizagens”; “ampliou minhas habilidades de relacionamento interpessoal”; “estimulou em mim o compromisso ético”; “ampliou minha capacidade de comunicação”; “contribuiu para desenvolver minha capacidade de trabalhar em equipe” e o “senso de responsabilidade no trabalho”. Estas respostas indicam, portanto, resultados altamente positivos do curso de Turismo. Estes aspectos referem-se a conhecimentos e competências próprias da formação superior de especial relevância na assim designada sociedade do conhecimento. Dizem respeito também ao que se pode designar como formação cidadã da pessoa; formação que engloba a dimensão profissional, mas vai além dela, na direção da formação humana no sentido amplo e de participação social. Estas são características do curso de Turismo nesta instituição que, cumpre ressaltar, dada a tendência predominante da educação superior voltada exclusivamente para o mercado de trabalho, abdica do seu papel primordial de formação humana (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 90-95).

Há, contudo, segundo opinaram os formados, aspectos da vida do formado em Turismo, em relação aos quais o curso pouca ou nenhuma contribuição apresentou. Para a maioria (três quartos) o curso não “contribuiu para elevar o meu rendimento econômico”; e, em proporção maior (80%), o curso não contribuiu para “alcançar um status social mais elevado”;

Contudo, este posicionamento em relação a aspectos de mobilidade social ascendente, enquanto expectativas, não chega a afetar basicamente o grau de satisfação com a trajetória profissional construída a partir do ingresso no mercado de trabalho: a maioria indicou estar satisfeita ou mesmo muito satisfeita com sua trajetória profissional. O mesmo parece ocorrer com o trabalho realizado atualmente: três quartos dos formados se consideram satisfeitos ou muito satisfeitos com o trabalho que realizam.

As análises até aqui empreendidas dos resultados desta pesquisa apresentam claras implicações para a gestão do projeto pedagógico do curso de Turismo. Como já foi destacado, as profundas e rápidas mudanças pelas quais passam a economia e o mundo do trabalho exigem dos gestores educacionais, coordenadores de cursos, conhecimento e familiaridade com determinadas questões que vão além do senso comum, da tradição firmada numa área de formação profissional de nível superior. Sem dúvida, este tipo de conhecimento é indispensável. Indispensável também é o conhecimento das características e tendências do mercado de trabalho, sendo o egresso do curso e sua inserção no mundo do trabalho uma das fontes fundamentais

para este conhecimento. Tanto assim é que o Ministério da Educação (MEC/Inep/Daes/Sinaes, 2016) requer das instituições de educação superior a realização de estudos sobre os egressos de cursos, como um dos critérios de avaliação da sua qualidade. O documento do MEC reconhece a importância “de mecanismos de acompanhamento dos egressos e sua atuação profissional” que gerem informações que subsidiem “os atos autorizativos – autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento”. Neste sentido, as análises apontam diversas implicações para o curso de Turismo que passamos a destacar a seguir.

Em primeiro lugar, destaquemos o problema da validade e fidedignidade dos dados nesta pesquisa. É impossível, em estudos deste tipo, apresentar os dados como portadores de certeza absoluta, inquestionável. A rigor, a ciência em geral elabora mais sobre a dúvida e resultados provisórios do que sobre a certeza. Os conhecimentos da realidade alcançados e traduzidos em teorias constituem, no movimento do conhecimento, em hipóteses, suposições, afirmações provisórias em revisão permanente. O conhecimento científico, por princípio, tem horror ao dogma. Demo (1994, p. 17 e 21) salienta “o questionamento sistemático como marca diferencial da ciência”, sendo que “só pode ser científico o que for discutível”. Os dados e análises sobre a inserção do profissional do Turismo no mercado de trabalho devem ser assim interpretados. Por conseguinte, estudos de natureza qualitativa deveriam ser empreendidos na busca de melhor compreensão dos fatos que compõem a realidade do Turismo em nosso país. Ainda assim, embora não podendo nem devendo operar sobre um grau de certeza inquestionável, os dados desta pesquisa permitem indicações de grande significação para o debate sobre a formação superior do profissional do Turismo, elevando-o a um patamar de consistência e qualidade bastante além de opiniões correntes, muitas delas sustentadas apenas no “eu acho que”.

A segunda implicação que surge desta pesquisa refere-se à fragilidade da base motivacional que impulsiona os jovens à escolha do curso de Turismo. Imamura (2014) constata neste estudo que a pouca presença da família e apenas o “gostar do curso” afetam o grau de envolvimento com o curso, com a construção dos saberes e consequente empenho acadêmico, aumentando os riscos de evasão. Estas constatações não permitem generalização, pois se referem ao contexto de um curso específico. De qualquer forma, esta é uma questão que deveria constituir foco de debates entre os professores que suscitasse iniciativas que contemplassem as formas de recepção dos novos estudantes e atenção redobrada à participação e desempenho acadêmicos destes alunos, sobretudo nos primeiros períodos do curso.

A terceira implicação para o curso de Turismo refere-se à relação teoria/prática no conjunto das disciplinas que compõem a matriz curricular. Na percepção dos formados, o curso realizado apresenta resultados positivos, com relevantes implicações para a vida das pessoas no que se refere a conhecimentos e competências básicas para o profissional, embora seus resultados não cheguem a afetar significativamente seu status social, nem seus rendimentos. Embora esta constatação pareça referir-se mais às características do mercado de trabalho para este profissional, mercado ainda limitado, é razoável pensar que, em função mesmo deste fato, o curso deva ser discutido. Os depoimentos dos formados nos induzem a isto; é o que se pode inferir pela significativa proporção dos que indicaram que o curso foi para eles “importante apenas em parte”. Neste sentido, merecem atenção as indicações de aprendizagens significativas adquiridas no trabalho não contempladas na formação

acadêmica; a quase totalidade delas diz respeito a saberes práticos que o cotidiano da vida profissional requer.

Talvez o debate mais necessário seja em relação ao estágio e TCC, destacados pelos formados entre as disciplinas consideradas importantes no curso. A este respeito, Imamura (2014, p. 71) diz:

Parte dos egressos destaca a importância de se adquirir experiência profissional, tarefa dificultada pelo fato de o curso ser ministrado em período integral, restando aos alunos poucas opções como estágios de férias e aos finais de semana, bem como o estágio obrigatório permitido só a partir do 6º período.

Como possíveis alternativas para superação destas limitações, Imamura (2014, p.76) sugere que, por exemplo, “aspectos práticos da hotelaria poderiam ser praticados em parceria com hotéis” e “a gastronomia poderia ser verificada *in loco* em restaurantes e bares da cidade” ou da região. São, enfim alternativas a que os debates sobre o curso podem levar.

A última questão que os resultados deste estudo nos apresenta, dentro da relação teoria e prática, abrange a pesquisa. A pesquisa como componente formativo do profissional do Turismo implica, sobretudo, mas não só, o estágio e o trabalho de conclusão de curso (TCC). Uma discussão mais detalhada sobre estas atividades, de como elas vêm se desenvolvendo no decorrer do curso de Turismo, certamente traria contribuições significativas para superar a dicotomia teoria/prática. Lembra-nos Pedro Demo (1994, p. 10) que a “vida acadêmica é um processo permanente de construção científica, com vistas a formas mais competentes de intervenção na realidade, unindo teoria e prática”. Este “processo permanente” de construção/criação de conhecimento, marca identitária da “vida acadêmica”, se dá pelo exercício permanente da pesquisa. Para este autor o “signo central da pesquisa é o questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade”. A pesquisa é constituída não só por um aparato tecnológico que se traduz num conjunto de procedimentos e técnicas especializadas, mas também “numa atitude cotidiana” que perpassa a vida acadêmica. Enfim, seguindo o mesmo autor, “pesquisa faz parte da noção de vida criativa em qualquer tempo e qualquer lugar” (DEMO, 1990, p. 78); daí porque a pesquisa constitui, além de princípio científico, princípio educativo, pois leva à

Emancipação... processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo. Trata-se da formação do sujeito capaz de se definir e de ocupar espaço próprio, recusando ser reduzido a objeto (DEMO, 1990, p. 78).

Os debates sobre esta questão dentro do curso poderão levar a um novo entendimento do papel do Estágio e do TCC. Primeiramente, podem tornar claro que estas atividades estão intimamente interligadas e são complementares entre si: o TCC deve necessariamente se revestir do caráter de pesquisa; o mesmo vale para o Estágio. O estágio, além da oportunidade para o novo profissional se apropriar de práticas significativas, constitui também momento de observação do que ocorre numa organização, observação das situações de trabalho, o que as pessoas fazem e como o fazem, desenvolvendo assim esta habilidade crucial no processo de construção/criação de conhecimentos. Os depoimentos dos formados indicam a necessidade desta discussão no âmbito do curso.

Em suma, os resultados alcançados por esta pesquisa apresentam indicações significativas para a análise e um melhor entendimento da formação superior, sobretudo para a formação de um profissional para um setor tão específico, como o Turismo. Em especial, em se tratando de um profissional cuja presença é recente na estrutura ocupacional, cujo mercado de trabalho apresenta contornos ainda pouco definidos, com forte presença da informalidade e do provisório, o debate sobre a formação é urgente. Embora a pesquisa se limite a um caso específico de abrangência regional, os dados apresentam indicações significativas para a discussão da matriz disciplinar do curso e chamam a atenção para a relação teoria/prática. O curso, na sua dimensão de formação científica e cidadã mais ampla, é enfatizado pelos formados em Turismo, o que não é pouco, principalmente nestes tempos onde só o mercado de trabalho parece valer. Quanto a este aspecto, se o curso não permitiu alcance de um patamar social mais alto, pela inserção no mundo do trabalho, não alcançando assim as expectativas dos formados, cumpre levar em conta o fato de que se trata de profissionais de início de carreira; só estudos que focassem profissionais há mais tempo no mercado de trabalho forneceriam informações mais seguras a este respeito.

Referências

CEVOLI, Marida. Bell: o advento pós-industrial. In: DE MASI, Domenico. **A Sociedade Pós-Industrial**. 3ª ed. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2000, p. 149-164.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. – (Biblioteca de educação. Série 1; v. 14).

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994 (Biblioteca tempo universitário, 96).

IMAMURA, Mariana Garcia. **Educação e mercado de trabalho em Turismo: O perfil dos egressos e a influência do Projeto Político Pedagógico da UFSCar na formação profissional**. 2014. 132f. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Turismo – UFSCar, Sorocaba, 2014.

MEC/INEP/DAES/SINAES. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância**. Brasília, abril de 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2016/instrumento_2016.pdf. Acesso em: 10 out. 2014.

PIMENTEL, Thiago Duarte; PAULA, Sara Conceição de. A inserção profissional no mercado de trabalho face às habilidades adquiridas na formação superior em turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 2, n. 1, p. 49-73, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/>>. Acesso em: 10 out. 2014.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998 – (Coleção Turismo).

WTTC – WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Economic Impact Report 2014**. Disponível em: <<http://wttc-infographic.org/brazil>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Enviado em: 17/maio/2017

Aprovado em: 01/fevereiro/2018